



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA E LINGUÍSTICA

**O APAGAMENTO DO RÓTICO /r/ EM CODA SILÁBICA NO DIALETO  
MAMANGUAPENSE: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO**

Jeferson Silva do Nascimento

Guarabira-PB

Abril de 2014

Jeferson Silva do Nascimento

**O APAGAMENTO DO RÓTICO /r/ EM CODA SILÁBICA NO DIALETO  
MAMANGUAPENSE: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Língua e Linguística da Universidade Estadual da Paraíba Campus III, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua e Linguística.

Orientadora  
Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino

Guarabira-PB

Abril / 2014

N244a Nascimento, Jeferson Silva do

O apagamento do rótico /r/ em coda silábica no dialeto mamanguapense: um estudo sociolinguístico [manuscrito] : /  
Jeferson Silva do Nascimento. - 2014.

45 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Língua e Linguística) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades,  
2014.

"Orientação: Maria de Fátima de Souza Aquino,  
Departamento de Letras e Educação".

1. Sociolinguística. 2. Variação linguística 3. Rótico. I.  
Título.

21. ed. CDD 306.44

Esta monografia foi submetida à avaliação da Banca Examinadora composta pelos professores abaixo relacionados, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa, outorgado pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB e encontra-se na biblioteca da referida Universidade.

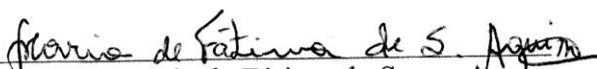
A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que feita de acordo com as normas de ética científica.

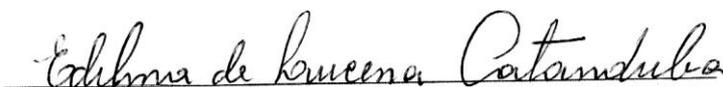
Jeferson Silva do Nascimento

**O APAGAMENTO DO RÓTICO /r/ EM CODA SILÁBICA NO DIALETO  
MAMANGUAPENSE: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO**

Aprovada em 22 de abril de 2014

BANCA EXAMINADORA

  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino  
(Presidente - Orientadora)

  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Edilma de Lucena Catanduba  
(Examinadora)

  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Iara Ferreira de Melo Martins  
(Examinadora)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a **Deus** pela vida, pela sabedoria, por todas as minhas conquistas pessoais e profissionais, por estar sempre ao meu lado, me guiando, protegendo e propiciando um caminho de autoconhecimento a partir dos erros e acertos ao longo da vida. Por ter colocado em meu caminho pessoas tão especiais, que não mediram esforços em me ajudar durante a realização dessa monografia. A estas pessoas deixo aqui meus sinceros e eternos agradecimentos;

A minha mãe, ***Maria das Neves*** maior incentivadora e investidora de meus estudos. Pelo amor incondicional, apoio em todos os momentos e presença constante. Por acreditar em mim, em meu potencial e em minhas decisões pessoais. Por ser referência de ideais, ética e, principalmente, por estar sempre disponível, em qualquer momento, e sob qualquer circunstância;

A Professora Doutora ***Maria de Fátima de Souza Aquino***, pela orientação e por seus questionamentos essenciais para minha reflexão e realização deste trabalho;

Aos amigos ***Ezequiel Patrício, Walker Lopes, Danielle Mendes e Katiúscia Quinto*** por suas contribuições didáticas;

Aos demais amigos que, mesmo com meu necessário distanciamento, conseguiram manterem-se tão próximos.

Obrigado!

Dedico este trabalho,

A minha mãe, *Maria das Neves*, pelo amor, dedicação, ensinamentos, pelo apoio incondicional em todos os momentos da minha vida e por me fazer acreditar que tudo é possível, basta perseguir os sonhos. Amo você.

## Sumário

<b>1. Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>2. Fundamentação teórica.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 Variação linguística.....</b>	<b>13</b>
<b>2.2 O rótico /r/ como objeto de estudo.....</b>	<b>17</b>
<b>3. Considerações metodológicas.....</b>	<b>22</b>
<b>4. Apresentação dos resultados.....</b>	<b>25</b>
<b>4.1 Variáveis sociais.....</b>	<b>25</b>
<b>4.1.1 Variável sexo.....</b>	<b>26</b>
<b>4.1.3 Variável escolaridade.....</b>	<b>27</b>
<b>4.2 Variáveis linguísticas.....</b>	<b>28</b>
<b>4.2.1 Variável posição no vocábulo.....</b>	<b>28</b>
<b>4.2.2 Variável classe de palavras.....</b>	<b>30</b>
<b>4.2.3 Variável extensão do vocábulo.....</b>	<b>35</b>
<b>4.2.4 Variável contexto antecedente.....</b>	<b>37</b>
<b>4.3 Comparação dos dados.....</b>	<b>39</b>
<b>5. Considerações finais.....</b>	<b>42</b>
<b>6. Referências.....</b>	<b>44</b>

## Resumo

Muitos trabalhos, como, por exemplo, os de VOTRE (1978), CALLOU et al, (1996); OLIVEIRA, (1997, 1983); MONARETTO (1997, 2000, 2002); HORA (2003), orientados pela sociolinguística, comprovam que o rótico /r/ é uma consoante extremamente variável no PB. Dentre os estudos sobre essa consoante está o apagamento na coda interna e externa dos falantes de algumas regiões do Brasil. Partindo desse contexto, o presente trabalho, respaldando-se nas informações veiculadas pela literatura da área, objetiva rastrear fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem, exclusivamente, o apagamento do /r/ em coda<sup>1</sup>. silábica em posição medial e final dos vocábulos, na fala de alguns estudantes, na cidade de Mamanguape-PB. A nossa hipótese é que algumas variáveis sociais e estruturais como, por exemplo, sexo, escolaridade, contexto antecedente, classe de palavras, tamanho do vocábulo e posição silábica façam com que o rótico /r/, na língua falada desse município, apresente características linguísticas que se assemelham com outros falares de algumas regiões do Brasil. O nosso *corpus* foi formado por gravações sobre o relato pessoal da vida de doze informantes, contabilizando um total de quase seis horas de entrevistas para serem analisadas, após a coleta dos dados. Para formação de cada grupo de falantes, foram selecionados três informantes do gênero masculino e três do gênero feminino pertencentes aos 6º e 9º anos do ensino fundamental de uma escola pública dessa cidade. Há de se dizer que, além de termos feito uso da metodologia proposta por Labov (1972) nessa pesquisa, também, exigimos que todos entrevistados fossem nascidos e residentes nesse município e que os membros, de cada grupo de informantes, não apresentassem discrepância no que diz respeito à faixa etária entre eles. Após a análise dos dados obtidos nesse estudo, pretendemos contribuir com os estudos sociolinguísticos dessa variável desenvolvidos no Brasil, e assim preencher essa lacuna sobre o estudo desse fenômeno nessa comunidade de fala.

Palavras chaves: Sociolinguística. Variação. Coda. Apagamento do rótico.

---

<sup>1</sup> Elemento consonantal localizado logo após o núcleo silábico em uma estrutura CVC.

## Abstract

Many studies, such as, for example, Votre (1978), Callou et al, (1996); OLIVEIRA, (1997, 1983); MONARETTO (1997, 2000, 2002); TIME (2003), directed by sociolinguistics, show that the rhotic / r / is an extremely variable depending on the PB. Among the studies that are consonant deletion in the coda of the internal and external speakers in some regions of Brazil. Considering this context, this work, backing up reports in the literature in the area, aims to trace linguistic and extralinguistic factors that favor exclusively erasure err on the coda<sup>2</sup>. in medial and final position of words in the speech of some students in the city of Mamanguape-PB. Our hypothesis is that some social and structural variables such as, education, history context, word class, word size and syllabic position cause the rhotic / r / in the language spoken in this city, present linguistic features that resemble other dialects in some regions of Brazil. Our corpus consisted of recordings on the personal account of life twelve informants, accounting for a total of nearly six hours of interviews to be analyzed after data collection. Training for each group of speakers, three were selected informants were male and three females belonging to the 6 ° and 9 ° pivotal year in a public school of that city. One has to say that, besides having made use of the methodology proposed by Labov (1972) this research also require that all respondents were born and living in this city and that the members of each group of informants, did not show any discrepancy in respect to age between them. After analyzing the data obtained in this study, we aim to contribute to this variable sociolinguistic studies developed in Brazil, and thus fill the gap on the study of this phenomenon in this speech community

Key words: sociolinguistic variation, coda, and rhotic deletion.

---

<sup>2</sup> Consonantal element located immediately after a syllabic nucleus in a CVC structure

## 1. INTRODUÇÃO

É possível afirmar que todas as línguas são heterogêneas e que passam constantemente por alguns processos de modificações. A partir destes processos, ocorrem diversas variações linguísticas em suas estruturas: morfológica, sintática, semântica e pragmaticamente. A heterogeneidade linguística é um fator incontestável, pois é possível afirmar e comprovar a existência de diversos fenômenos linguísticos, tendo como aparato científico estudos linguísticos realizados nas mais diversas áreas de comunidades de fala no mundo, nas quais se constata diferentes modos de fala.

Em oposição à visão de homogeneização de uma língua, os estudos linguísticos vêm expondo que a língua é um “instrumento vivo” que se modifica ao longo do tempo. Sendo assim, graças a várias pesquisas de cunho linguístico, tornou-se possível também saber que uma mesma língua falada por comunidades separadas por barreiras sociais, culturais, políticas, geográficas ou com comunicação limitada entre si, tende a apresentar variedades linguísticas em seus dialetos.

É fácil perceber que um idioma de um determinado país não é falado da mesma forma em toda sua extensão territorial, isto é, uma língua pode variar de região para região, podendo apresentar diferença na forma de pronunciar as palavras, diferença no significado de vocabulário e, inclusive, na forma de estruturação de algumas orações.

Em decorrência da extensão territorial do Brasil, várias são as possibilidades de realização dos fenômenos linguísticos, dadas as diferenciações dialetais ocorridas em todo território. Segundo Câmara Jr.:

Uma diferenciação dialetal explica-se, sempre, em partes pela história cultura e política e pelos movimentos de população, e, de outra parte, pelas próprias forças centrífugas da linguagem humana, que tendem a cristalizar as variações e criar dialeção em qualquer território relativamente amplo e na medida direta do maior ou do menor isolamento das áreas regionais em referência ao centro linguístico irradiador (CAMARA JR, 1995, p. 11).

Língua e cultura são dois instrumentos inseparáveis, ou seja, a língua é um elemento que por está, constantemente, em processo de renovação, diariamente, ela sofre influência da cultura, seja na escrita ou na fala (Grabe & Kaplan, 1989, apud Oliveira, 2000, p.50). Essa

relação de estreitamento, entre essas duas entidades, fica mais evidente a partir de duas observações: a) Alguns estudos linguísticos mostram que aspectos relevantes de uma cultura podem contribuir para edificar, até sua firmação, alguma estrutura linguística, seja por eliminação, acréscimo ou modificação de um fonema; b) Uma comunidade linguística funciona com a cooperação ou divergência entre os falantes de uma língua, uma vez que é através de uma língua que a comunicação entre os falantes de uma comunidade é efetivada. Dessa maneira, por meio de um código linguístico, o emissor consegue transmitir sua cultura, opinião e conhecimento ao seu emissor (Cf. Pessoa, 2009, p. 3, 12, 13). Há de se destacar que, durante o processo de comunicação, é comum que falantes, de diferentes regiões do país, mostrem diferenças no uso da língua em razão da influência de fatores sociais e estruturais.

É preciso ressaltar que, na linha de pesquisa fonológica do Português do Brasil, alguns pesquisadores têm identificado com regularidade uma série de variações de certos fenômenos linguísticos em posição pós-vocálica e em posição final de vocábulo, é o caso, por exemplo, do rótico /r/. Esses trabalhos linguísticos constataam que uma das variantes possíveis para essa variável é o zero fonético [Ø]. Observa-se, nos resultados dessas pesquisas, realizações desse fenômeno no ambiente de coda interna, como: catorze ~ cato[Ø]ze; e externa, como: vender ~ vende[Ø] (Cf. HORA, 2003, p. 139). Nessa perspectiva linguística, a realização do rótico tem se mostrado um fenômeno de grande relevância para a sociolinguística devido a sua instabilidade apresentada na coda silábica.

Dessa forma, ao considerar essa linha teórica de estudo, esta pesquisa tem como objetivo analisar o apagamento do rótico na língua falada de doze alunos de ambos os sexos, no 6º e no 9º ano, na cidade de Mamanguape, fazendo uso, para tanto, de dados coletados à luz da metodologia variacionista e laboviana.

Nossa hipótese é alguns fatores linguísticos e extralinguísticos (escolaridade, sexo, contexto antecedente, classe de palavras, tamanho do vocábulo e posição silábica) inibam a manutenção do /r/ (na coda interna e externa) na língua oral dos nossos informantes, fazendo com que o português falado, nessa comunidade de fala, contenha marcas fonéticas, diatópicas e diastráticas que corroboram com outros falares do Português do Brasil. Apesar de inúmeros trabalhos já terem sido realizados com o objetivo de investigar a supressão do rótico /r/ na coda silábica (interna e externa), tais como: VOTRE (1978), CALLOU *et al.*, (1996); OLIVEIRA, (1997, 1983); MONARETTO (1997, 2000, 2002); HORA (2003), há sempre a necessidade de se realizar novas pesquisas em razão da expansão territorial do Brasil, para que haja um rastreamento e mapeamento desse fenômeno e dos seus condicionadores, a fim de torná-los bem mais conhecidos no PB.

No capítulo II, apresentaremos uma revisão sobre a literatura da área, a sociolinguística. Em seguida, em outro tópico, serão expostos trabalhos realizados em diferentes regiões do Brasil, os quais tiveram como investigação nosso objeto de estudo. Esse fato se dá pela necessidade de provar que ainda há muito a se estudar sobre esse fenômeno.

O capítulo III se refere à metodologia utilizada na construção deste trabalho. Neste descreveremos todos os passos para a edificação da nossa pesquisa, como: coleta de dados e as variáveis estudadas, ou seja, os procedimentos que foram seguidos para se chegar aos resultados apresentados.

No capítulo IV será apresentada a análise dos resultados finais. Assim, apresentaremos as variáveis selecionadas, seguidas, sempre, dos resultados quantitativos e seus percentuais. Nesse caso, comparando os resultados obtidos na nossa pesquisa com resultados de alguns autores que estudaram o mesmo objeto.

Por fim, finalizamos com um comentário sobre os resultados, retomando as hipóteses construídas, indicando a confirmação ou não das nossas hipóteses e citando sugestões que são válidas a respeito da variante investigada.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Variação linguística

Na década de sessenta surgiram os primeiros resultados das pesquisas de Labov sobre a relação entre língua e sociedade. Dedicando-se à pesquisa sociolinguística, seguindo um modelo quantitativo, e voltando suas atenções especialmente para a descrição de variações linguísticas numa mesma comunidade de fala, Labov insistiu repetidas vezes nas contradições entre os resultados de suas pesquisas e a teoria da deficiência linguística. O pesquisador não aceitava o conceito de deficiência linguística por considerar que essa linha de pensamento não levava em conta a realidade social do falante.

A partir dos estudos de Labov e dos postulados de Weinreich, Labov, Herzog (1968), surge a sociolinguística variacionista, conhecida como teoria da variação e mudança, que tem como objetivo descrever a variação e a mudança linguística, considerando o contexto social de produção, observando o uso da língua falada dentro da comunidade, e utilizando um método de análise quantitativa dos dados obtidos a partir da fala espontânea, ou seja, do vernáculo, momento em que é reduzido o monitoramento da fala. (Cf. Labov, 1972, p. 208). Labov dedicou-se a esse tipo de pesquisa com a intenção de sistematizar as variações existentes na língua oral por meio de pesquisas que consideram os fatores linguísticos (estruturais) ou sociais (extralinguísticos), para que, assim, pudessem mostrar a relação entre o conteúdo linguístico do falante e o meio social em que vive.

Essa teoria se consagrou com a primeira pesquisa, realizada em 1963, na Ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts (EUA), na qual passou a investigar o inglês falado naquela ilha, embasado na Teoria da variação, utilizando um método, até então inédito, para mostrar a importância dos fatores sociais na explicação da variação linguística: o método teórico-metodológico que propõe analisar e interpretar os fenômenos linguísticos no contexto social por meios de coleta de dados nas comunidades de fala. Assim, a sociolinguística tem por objeto estudar os padrões do comportamento linguístico observável dentro de um grupo de falantes e os formalizar através de um sistema heterogêneo constituído por unidades e regras linguísticas.

Ela tem como princípio básico analisar o produto gerado da relação entre língua e sociedade, centrando, especificamente, suas observações na variabilidade da língua. Estudos sociolinguísticos têm evidenciado que a variação de uma língua acontece em todos os segmentos da elaboração da linguagem, podendo haver diferença na formação de algumas

variantes, na linguagem de nativos de um mesmo idioma, dependendo da região em que se encontram. Essa afirmação se confirma, quando tomamos o Brasil como exemplo, pois pelo fato de ser um país extenso e com uma população diversificada, fazendo uso da mesma língua, sempre haverá uma heterogeneidade linguística, conforme atestam os trabalhos das mais diversas naturezas linguísticas, como, por exemplo, VOTRE (1978), LABOV (1983), CALLOU (1987); CALLOU *et al*, (1996); OLIVEIRA, (1997, 1983); MONARETTO (1997, 2000, 2002); HORA, PEREIRA e MONARETTO (2003), entre outros.

Deste modo, um trabalho sociolinguístico deve se iniciar de uma análise criteriosa do mapa sociocultural de uma comunidade linguística, visto que quanto mais complexa for a estrutura social de um povo, mais diversificado será o uso da língua entre os falantes dessa comunidade linguística. Dentro desse contexto de observações, verifica-se que a sociolinguística possibilita a investigação das Atitudes Linguísticas, do Percurso linguístico de uma determinada comunidade e o estudo dos dialetos sociais em qualquer comunidade linguística.

São muitos os casos de fenômenos linguísticos, no PB, motivados em virtude da existência de variações extralinguísticas, como, por exemplo, geográfica, econômica, idade, sexo, grau de escolarização, profissão etc. É sabido que as ações desses fatores linguísticos provocam a heterogeneidade no sistema fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico e lexical. Por isso, numa pesquisa sociolinguística, é indispensável a análise desses agentes linguísticos pelo pesquisador, visto que eles o permitem descrever e entender o porquê da realização de um fenômeno linguístico numa comunidade de fala naquele momento. PESSOA (2009, p. 8) ressalta a importância de algumas informações sociais numa pesquisa de cunho linguístico:

A investigação de um Percurso Sociolinguístico parte de dados da história de um povo, procurando entender as mudanças sofridas ao longo do tempo. Ao lado disso descreve-se a situação linguística atual da comunidade, considerando-se sua organização sociocultural e suas relações com a sociedade regional envolvente. Nesse sentido, quem trabalha com percurso linguístico apresenta a comunidade de fala a partir de considerações de natureza sociais, tentando identificar o estatuto da língua utilizada.

A teoria da variação veio mostrar que toda língua muda e varia com o tempo e no espaço, de acordo com a situação social do falante. Este inovador meio de pesquisa viabiliza uma investigação pancrônica de uma língua de uma determinada comunidade, e procura descrever as atitudes linguísticas de um dado grupo de falantes, através de estudos dos

dialetos sociais em uma determinada região, ou prevendo diretrizes para o futuro linguístico de um povo, ao mesmo tempo em que busca compreender os fatores de variação e mudança linguística, visando, assim, descrever e divulgar as características da linguagem de uma sociedade. A língua portuguesa, como qualquer outra, sofre variações linguísticas, tanto por influências sociais, quanto por fatores extralinguísticos.

Uma pesquisa à luz da sociolinguística tem por objetivo principal a sistematização da variação. Para ter êxito em sua investigação, esta ciência tem que formar um *corpus* baseado na espontaneidade da fala de uma comunidade, descrever minuciosamente a variável e suas variantes, estratificar os possíveis fatores linguísticos e sociais que restringem a variável em estudo, encaixá-la e avaliá-la linguisticamente, e, por fim, monitorar os processos de transição de implementação que a envolvem. Vale ressaltar que a constituição de *corpus* de comunidade de prática permite, por exemplo, a depender do tamanho da comunidade, que sejam considerados todos os indivíduos. Permite, também, que se proceda ao mapeamento acurado das redes de relacionamento, observando os graus de integração dos indivíduos dentro da comunidade de fala.

Uns dos campos de atuação em que a Teoria da Variação Linguística ganhou um grande respaldo como proposta de trabalho sugerida por Weinreich, Labov, Herzog, em 1961, foi o da fonética, uma vez que há uma grande quantidade de trabalho que se acumularam no decorrer das últimas décadas nessa área, seguindo esse modelo de estudo. Uma comunidade de falantes para esse modelo teórico-metodológico não é vista como um grupo de pessoas que fala exatamente igual, mas de um grupo que apresenta características linguísticas que distinguem seu grupo de outros, comunica-se relativamente mais entre si do que com outros e, principalmente, compartilha normas e atitudes diante do uso da língua.

Em vista disso, para os sociolinguistas, nas comunidades de fala, sempre haverá formas linguísticas em processo de variação, ou seja, quando duas formas estão sendo usada ao mesmo tempo. Dessa forma, toda a análise sociolinguística é direcionada para as variações sistemáticas, inerentes ao seu objeto de estudo, a comunidade de fala, concebidas com uma heterogeneidade estabelecida. Contudo, não há “caos linguístico,” cujo processamento, análise e sistematização sejam impossíveis de serem processados. Há sim, uma organização por trás da heterogeneidade da língua oral.

Desse modo, um estudo sociolinguístico visa à descrição estatisticamente de um fenômeno variável, tendo como objetivo analisar e sistematizar variantes usadas por uma mesma comunidade. Para tanto, calcula-se influência que cada fator, interno ou externo, possui na realização de uma ou de outra variante. Ao formalizar a análise nesse cenário, a pesquisa

sociolinguística busca estabelecer a relação entre o processo de variação que se observa na língua em um determinado momento (sincronicamente) com os processos de mudanças que estão acontecendo na estrutura da língua ao longo do tempo (diacronicamente).

Sendo assim, desde o clássico texto de WEINREICH, LABOV E HERZOG (1968), ficou bem assentado o princípio de que os fenômenos de variação e mudança observados nas comunidades de fala são controlados por fatores internos que atuam de forma sistemática. Retomando LABOV (1994), muitas das questões colocadas pela Sociolinguística Variacionista envolvem necessariamente aspectos de âmbito fonético/fonológico, morfológico e sintático, que fornecem as bases para respostas a algumas das questões centrais acerca da mudança linguística, especialmente as que se relacionam às restrições mais gerais ao uso e implementação de variantes linguísticas e à interrelação entre mudanças aparentemente independentes.

Ao longo de mais de meio século, em que se acumularam estudos empíricos de variações nos diversos níveis da língua, em diferentes comunidades de fala, a Sociolinguística Variacionista tem buscado generalizações, ou seja, princípios que, relacionados entre si, permitam esclarecer os mecanismos subjacentes a processos de variação e mudança em geral. Em função dos objetivos e da própria natureza empírica da pesquisa sociolinguística, esse objetivo pode parecer contraditório, visto que qualquer mudança linguística está encaixada na estrutura social da comunidade de fala.

Retomando os termos de LABOV (1994:3):

“... Para entender as causas da mudança, é necessário conhecer em que ponto da estrutura social a mudança se origina, como ela se espalha para outros grupos sociais e quais os grupos que se mostram mais resistentes a ela”.

Os estudos variacionistas levados a efeito no português brasileiro têm contribuído de forma substancial para a dinâmica brevemente esquematizada até aqui. O desenvolvimento das pesquisas variacionistas, no Brasil, contribuiu para: (a) trazer à luz a configuração variável dessa variedade; (b) apreender princípios teóricos mais gerais que explicam, em grande parte, a generalização de diversos fenômenos e (c) apontar a interdependência entre diversos processos de mudança (Cf. Paiva e Duarte, 2011, Pg. 93)

Observaremos o rótico, como um dos exemplos de fenômenos de variação fonética/fonológico largamente estudado no PB. Dada à multiplicidade de estudos realizados sobre o rótico em diversas regiões e diferentes amostras de fala, procuraremos, no próximo tópico, dessa sessão, mostrar trabalhos que ratificam a condição de variabilidade dessa variante nos estudos sociolinguísticos. No entanto, somos obrigados a operar um recorte nesses estudos, uma vez que não é possível focalizar todos os estudos já realizados sobre esse fenômeno.

Tomemos por base o critério diatópico e selecionamos trabalhos que representam variedades bastante distintas, como, por exemplo, a variedade nordestina, a variedade carioca e a variedade do sul do Brasil. Ainda que discutível, esse recorte tem a vantagem de nos permitir enfatizar um ponto que nos parece central, isto é, o acúmulo de evidências independentes de influências diatópicas, a fim de comprovar o elevado grau de polimorfismo do rótico, prestando-se, exemplarmente, à caracterização da variação do português do Brasil.

## 2.2 O rótico /r/ como objeto de estudo

A variada forma de pronúncia do /r/ tem diversas explicações, como, por exemplo, variedades geográficas, etária, socioeconômica e outras importantes que contribuem para que existam variações de pronúncia. A diferença na pronúncia dos róticos é bastante variada, não só entre as diferentes línguas que existem no mundo, como também dentro de uma mesma língua. Segundo Trubetzkoy (*apud* SILVA, 2002:131), na língua alemã, o /r/, antes de vogal, podia ser uma vibrante dental, uma vibrante uvular ou uma fricativa velar, sem que se estabelecesse uma oposição fonêmica entre eles. Em outros contextos, era velarizado ou pronunciado como uma vogal não silábica. Pode-se dizer que o português brasileiro, também, caracteriza-se pela grande variedade de róticos, variedade essa que se verifica tanto em posição inicial quanto final de sílaba.

De acordo com a literatura da área, há em português um /r/ simples e um /r/ múltiplo, sendo esse primeiro o mais frequente na posição pós-vocálica do PB. Segundo Bisol (1999), são múltiplas as variantes para o /r/ pós-vocálico: vibrante alveolar [r], fricativa velar [x], fricativa glotal [R], aspirada [h], tepe [r̥] ou um som retroflexo. [ɻ]

Para Câmara (1995), apenas quatro consoantes podem aparecer em posição pós-vocálica no PB. Entre esses fonemas sujeitos a se realizarem nesta posição pós-vocálica está à variável /r/. De acordo com esse pesquisador, há duas realizações para o /r/ (uma fraca e uma forte), que são responsáveis pela oposição entre esses fonemas na posição intervocálica, como

em [ˈkoru] e [ˈkohu]. O pesquisador ressalta também que o /r/ apresenta comportamentos variados em posição pós-vocálica:

Já nas vibrantes a língua vibra, quer num só golpe junto aos dentes superiores, para o /r/ brando, quer para o /r/ forte em golpes múltiplos junto aos dentes superiores, ou em vibrações da parte dorsal junto ao véu palatino, ou em vez da língua há a vibração da úvula, ou se dá além do fundo da boca propriamente dita uma fricção (CÂMARA, 1995, p. 49).

Sendo assim, o rótico /r/, na Língua Portuguesa, presta-se como um importante objeto de estudo entre os fenômenos de variação da nossa língua por apresentar um comportamento extremamente variável, apresentando uma multiplicidade de variantes, podendo atingir o seu apagamento, quando estiver na posição de coda (interna e externa).

Os estudos sobre o rótico /r/ têm sido numerosos alguns datam da primeira metade do século XX. Tais estudos podem ser divididos em dois grandes grupos: aqueles realizados por dialetólogos, filólogos e gramáticos, a exemplo de Mendonça (1936); Bueno (1944); Marroquim (1945); Cunha (1968); Câmara Jr. (1970); Leite de Vasconcelos (1970); Pontes (1973); Thomas (1974); Amaral (1976); Chaves de Mello (1976) e aqueles que seguem a orientação variacionista laboviana.

Dentre os trabalhos que resultam de pesquisa sistemática, seguindo uma metodologia variacionista, a mesma que orienta nosso trabalho, destaco o estudo dos seguintes autores: Votre (1978) destaca a variável grau de escolaridade como um dos fatores determinantes para a realização do zero fonético. Os seus resultados apontaram a supressão da vibrante /r/ na fala de alfabetizados da área urbana do Rio de Janeiro e preservação da vibrante na fala de um número maior de universitários.

O autor salienta que a preservação da vibrante está ligada a fatores linguísticos e sociais. Entre todos os fatores controlados, a variável classe de palavras foi a que mostrou dados mais relevantes, já que os verbos no infinitivo conduziram o apagamento do /r/ em oposição aos nomes (substantivos e adjetivos). O pesquisador ainda expõe que o apagamento da vibrante não é prerrogativa dos dias atuais, pois ainda no século XVI, na fala dos negros, atestada pela escola vicentina, já podia notar-se a ausência do /R/ em final de palavras.

Na pesquisa sobre a pronúncia do /r/ em coda silábica no PB, Callou, Moraes e Leite (1996) trataram de observar como se dá a distribuição das variantes em posição medial e final nos dialetos das principais capitais do Brasil (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife). Para estes estudiosos, quando o rótico aparece em coda silábica, torna-se um

elemento multiforme, ou seja, sujeito a várias formas de variações no PB. Estes pesquisadores investigaram quais variantes linguísticas e extralinguísticas influenciam a realização desse fenômeno. Os resultados dos pesquisadores foram obtidos através do controle dos seguintes grupos de variantes: tipo do /r/, posição no vocábulo; tonicidade da sílaba em que se encontra o segmento; tonicidade do vocábulo na cadeia fônica; dimensão do vocábulo; vogal antecedente; ponto e modo de articulação do segmento subsequente; classe gramatical; faixa etária; região e gênero.

Das 4.334 ocorrências obtidas por eles, os resultados mostraram que o índice de apagamento representou 37% para a posição final de palavras, contra 3% para posição interna. Tratando-se da fricativa velar, a posição interna é de 31%, contra 11% em posição final. Esses resultados estão distribuídos com relação ao uso dos róticos: o uso da vibrante alveolar é mais frequente em Porto Alegre e São Paulo. Já a fricativa velar é mais forte em Salvador e no Rio de Janeiro; a aspirada, fricativa laríngea, em Recife. Segundo os autores, Porto Alegre e São Paulo corresponderiam ao início do processo de mudança; Salvador e Rio de Janeiro estariam em um estágio intermediário, e Recife estaria em um nível mais avançado de mudança dessa variável.

Em outro trabalho, Callou, Moraes e Leite (1998) observaram exclusivamente o apagamento do /r/ final no dialeto carioca, no intuito de analisar se esse fenômeno se caracteriza como uma variação estável ou uma mudança em curso. Eles usaram dados de dois períodos distintos: um do início da década de (1970) e outro da década de (1990). No estudo em tempo aparente, analisaram o comportamento linguístico dos informantes, separadamente, em diferentes faixas etárias, classe de palavras (verbos e nomes) e sexo, pois isso permitiria um resultado mais preciso da influência de cada termo controlado na realização do zero fonético.

Os resultados revelaram que nos verbos, para os homens, há uma instabilidade no processo de variação em ambos os períodos e nos nomes (substantivos e adjetivos), aparentemente existe uma mudança em caminhada. Ao analisar os mesmos informantes na pesquisa em tempo real, os pesquisadores observaram que o comportamento da vibrante /r/ individualmente é estável, exceto para informantes da terceira faixa etária (56 anos em diante). Com relação ao apagamento da consoante em estudo, destacaram que a população feminina continua a realizar o apagamento do /r/, já para os homens parece que esse fenômeno atingiu seu ápice e há sinal de queda desse processo.

Após uma análise criteriosa, os autores concluíram que o zero fonético causado pelo apagamento do /r/ final, é considerado um caso de variação de baixo para cima, dando a

entender que já atingiu seu limite, e hoje, aparentemente, é uma mudança estável, sem vestígio de qualquer classe social.

Com referência aos dados da vibrante, no sul do país, Monaretto (2002) ressalta que em meio às variantes da vibrante, o tepe é a variante preferida em posição de coda. Ela observa que a vibrante /r/, no que diz respeito a sua realização em posição pós vocálica, vem passando por um processo de mudança, uma vez que a variante tepe, característica da região sul, vem sendo suprimida pelo apagamento da vibrante fenômeno comum em outras regiões do país. Ainda nesse estudo, Monaretto observa que, no Sul do Brasil, o apagamento do rótico ocorre quase que exclusivamente, no final de palavras em verbos no infinitivo.

Monguilhott (1998) observou 720 ocorrências controlando fatores linguísticos e extralinguísticos, verificando assim, de maneira geral, que os falantes de Florianópolis tendem a usar a fricativa (93%) enquanto os informantes de Lages (86%), Blumenau (71%) e Chapecó (70%) privilegiam o uso da variante tepe. O objetivo da autora foi o de analisar as variantes (tepe, fricativas velar e glotal e retroflexa) e constatar quais delas sobressaíam entre os falantes das diversas etnias das referidas cidades catarinenses integrantes do Banco de Dados VARSUL. Dentre todas as etnias estudadas, a variante retroflexa foi a mais utilizada na fala dos informantes de Chapecó (29%) contra 0% em Florianópolis, 8% em Blumenau e 13% em Lages.

Hora (2003), utilizando dados do VALPB, considerou que a posição final é o contexto mais favorável para o apagamento, cujo processo vem sendo notado em diferentes classes gramaticais como os nomes (doutor ~ douto[Ø]; talher ~ talhe[Ø]; dor ~ do[Ø]), como uma marca lexical característica do nordeste, ratificando, assim, os dados descritos por Callou, Moraes e Leite (1996), relativos à cidade de Recife. Segundo o autor, os falantes com mais anos de escolarização se correlacionam mais positivamente a manter o rótico na posição de coda nas palavras.

Um fato curioso com relação a esse fenômeno é que os dados da cidade de Joao Pessoa, assim como em outras regiões do Nordeste, o zero fonético [Ø], na coda interna, só se manifesta, quando vier anteposto de fricativas. Segundo Hora (2003), a presença da fricativa funciona como inibidor do rótico favorecendo o seu apagamento na coda interna, como nos seguintes casos:

fo[Ø]ça  
 vá[Ø]zea  
 ga[Ø]fo  
 ce[Ø]veja  
 ma[Ø]cha

Ao observar as posições em que ocorre a supressão do rótico no final de vocábulos, verificamos que esse fenômeno ocorre quase que exclusivamente nos verbos no infinitivo, nessa região, o que não acontece nos nomes, principalmente na região sul do Brasil. Acreditamos que, em nossa pesquisa, esse fenômeno também apresenta as mesmas características em virtude de a cidade de Mamanguape estar incluída na região geográfica nordestina.

Ainda sobre os róticos em final de palavras, são oportunas as palavras de Amadeu Amaral que também atesta que a classe dos verbos é a mais atingida pela queda da vibrante.

O /r/ cai, quando final de palavra: andá, muipe, esquecê, subi, vapô, Artú. Conserva-se, entretanto, geralmente em alguns monossílabos acentuados, tendo de certo influído nisso a posição proclítica habitual: dor, cor, par. Conserva-se também o monossílabo átono por, pela mesma razão, assim como, raras vezes, em palavras de mais de uma sílaba: amor, suor. Nos verbos ainda que monossílabos, cai sempre, provavelmente pela influência niveladora da analogia: vê, vi, pô (AMARAL 1920, 1976, p. 52).

Por fim, Oliveira (1983), analisando dados de Belo Horizonte, ressalta que o fenômeno de apagamento do rótico ocorre com uma maior frequência em posição final de palavra do que no interior do vocábulo. Segundo ele, o zero fonético da vibrante /r/ é mais frequente em verbos do que em não verbos, o que corrobora com os resultados encontrados por Callou, Moraes e Leite (1996, 1998); Votre (1978); Hora (2003); Monarreto (2000, 2002). O autor afirma que, das variantes linguísticas controladas, a que exerce maior contribuição para concretização desse fenômeno é a do contexto fonológico, que pode ser representada por vogal, consoante ou pausa. A consoante mostra-se propícia ao apagamento; e a vogal favorece a realização do tepe, sempre em final de palavras e em coda externa, pois no interior de vocábulos não se mostrou possível.

Dessa maneira, essas pesquisas, também, deixam claro que, embora estudiosos de orientações das mais diversas possíveis tenham pesquisado o fenômeno do rótico, ele não perdeu sua importância como objeto de estudo em uma nova pesquisa. Pois, a análise desse

segmento tem se mostrado bastante produtiva ao ponto de ter sido realizada em várias regiões do Brasil. Enfim, em vista disso, nada nos impede de desencadearmos observação deste fenômeno na cidade de Mamanguape-PB, contribuindo, assim, para um maior conhecimento da nossa língua materna.

### **3. Considerações metodológicas**

A metodologia que orienta o desenvolvimento da nossa pesquisa é o modelo laboviano de pesquisa sociolinguística, que visa analisar e descrever a linguagem oral de um determinado grupo de falantes considerando como parte desse processo as influências linguística e sociocultural a que uma língua pode se expor.

As ocorrências de apagamento do rótico foram selecionadas e encontram-se disponíveis em nosso banco de dados. Foram tomadas todas as precauções para que a gravação não apresentasse ruído ou distorção. As variáveis sociais e as variáveis linguísticas controladas para seleção dos informantes foram: sexo, faixa etária, grau de escolaridade, classe morfológicas, tamanho do vocábulo e contexto antecedente selecionadas da seguinte maneira:

- (1) Sexo: feminino e masculino;
- (2) Faixa etária: 10 a 11 anos; 15 a 16 anos;
- (3) Grau de escolaridade: 6º ano e 9º ano.

A opção por realizar nossa pesquisa em dois anos escolares, ou seja, na série inicial e na série final do mesmo cada ciclo escolar, no caso, no Ensino Fundamental II, do ensino regular do PB, teve por finalidade analisar graus de escolaridades polarizados, uma vez que isso nos possibilitaria ampliar nossas observações sobre o objeto em estudo. Para a coleta de dados exigimos de nosso informante o seguinte perfil: urbano, morador do local de origem e que dele não tenha se afastado por longos anos.

Na nossa pesquisa, para assegurar um parâmetro de controle, selecionamos a fala de doze informantes (alunos e alunas), sendo três de cada sexo, referente a cada ano escolar observado, chegando à somatória de seis entrevistados por classe. Os dados foram gravados em 12 entrevistas, isto é, os informantes de cada grupo foram entrevistados uma única vez. Cada entrevista durou aproximadamente 30 minutos. Nesse sentido, há doze gravações com cada um dos informantes relatando suas histórias de vida.

Informantes	
6° Ano	9° Ano
3 Mas.	3 Mas
3 Fem.	3 Fem.

É preciso ressaltar que as gravações abrangem diálogos entre informante e pesquisador, os quais têm caráter mais informal. Sendo assim, com as entrevistas objetivamos obter uma redução do nível de formalidade durante a coleta dos dados de fala. Por isso definimos que as entrevistas deveriam ser realizadas de maneira descontraída e que apresentassem perguntas, principalmente, sobre a vida do informante. Fatos de sua infância e adolescência e outros assuntos que levassem ao aparecimento do rótico nas posições pesquisadas. Em virtude dos dados serem de fala semi-espontânea, não houve, por parte dos informantes, a leitura de palavras, sentenças, mas uma fala sobre determinados assuntos de sua vida.

Citaremos na análise dos resultados, à medida que apresentarmos os dados de apagamento do rótico, a posição que aparecem na entrevista oral: coda externa ou interna. Além disso, durante as exposições dos resultados também será exposto se a variante observada faz parte de um verbo ou de um nome. Na perspectiva de diálogos livres entre informantes e pesquisador, o entrevistador conduz as entrevistas, seguindo um roteiro de perguntas sobre um assunto pré-estabelecido.

No entanto, à medida que o informante conta sua história de vida, o pesquisador pode interrompê-lo e fazer uma pergunta a partir do que ele está relatando. Perguntas como: como foi sua infância? O que você não gosta de fazer na escola? Quais desenhos animados você gosta de assistir? Você lembra de algum fato que tenha marcado a sua infância? Ou alguma brincadeira? Um fato triste ou feliz? Qual estilo musical você gosta de ouvir? Você lembra de algum fato interessante que aconteceu nessa viagem? O que você acha que deveria melhorar na sua cidade? Você pensa em fazer algum curso em alguma universidade? Qual o curso? O que você acha do ENEM? Seguimos um critério para classificar cada um dos informantes, a fim de preservar sua identidade. Cada um dos informantes será citado por letras respectivamente “A, B, C, D, E e F no lugar do nome verdadeiro.

As transcrições foram empreendidas no intuito de responder à questão sobre o que ocorre com o /r/ em final de sílaba na fala desses informantes. Quanto aos vocábulos a serem

analisados, foram descartados os não audíveis e as ocorrências em que o /r/ aparecia na posição de ataque das palavras, ou seja, no início de palavras.

Quanto à variação diatópica, restringimos nossas observações ao município de Mamanguape, localizado na microrregião do Litoral Norte do estado da Paraíba. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2012, a população dessa cidade era de 42.537 habitantes. A sua antiga área de extensão abrangia territórios pertencentes a dez municípios: Rio Tinto, Baía da Traição, Marcação, Itapororoca, Jacaraú, Pedro Régis, Curral de Cima, Capim, Cuité de Mamanguape e Mataraca, incluindo praias pertencentes hoje à Rio Tinto. Chegou a ser a segunda cidade mais desenvolvida da Paraíba, fato este que a levou ter o privilégio de receber a visita do imperador Dom Pedro II. A cidade é conhecida como Capital do Vale, devido ao fato de ser a maior e mais importante cidade da região do “Vale do Mamanguape”, por apresentar uma economia sólida, o que a faz um dos maiores PIB do estado.

#### 4. Apresentação dos resultados

Após os dados dos informantes da cidade em estudo, Mamanguape, terem passado por um minucioso processo de análise, constatamos que das 781 vezes que o nosso objeto de estudo apareceu distribuído nas posições silábicas observadas, ele foi suprimido 674 vezes pelos nossos informantes, sendo 109 casos de ocorrências na coda medial e 565 ocorrências na coda final dos vocábulos. Veja a tabela abaixo:

Número de ocorrências	
Coda medial	Coda final
109	565

Como se pode ver, há uma diferença de resultados na tabela acima, acreditamos que o zero fonético é um fenômeno que resulta de fatores extra e intralinguístico. Por isso para uma análise quantitativa e qualitativa do fenômeno observado, apresentaremos no próximo tópico desse capítulo algumas tabelas e gráficos que nos auxiliarão no estudo comparativo dos dados, de fala, entre os informantes na nossa pesquisa.

#### 4.1 Variáveis sociais

Algumas variáveis sociais têm sido selecionadas nos trabalhos sociolinguísticos, como, por exemplo, no estudo do rótico em final de sílaba por influenciarem na sua manutenção e no seu cancelamento.

##### 4.1.1 Variável sexo

Um número considerável de estudos variacionistas tem revelado que as mulheres fazem uso mais expressivo que os homens das formas de prestígio. De acordo com Paiva (2003, p.34) as mulheres cariocas demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente. Vejamos o efeito da variável sexo, a primeira a ser analisada na nossa pesquisa, na Tabela – 1.

TABELA 1

Sexo			
6° e 9° Ano/Masc.		6° e 9° Ano/Fem.	
Aplic/Total	%	Aplic/Total	%
356/376	94.7	318/342	93.0

Na Tabela 1, o resultado se mostrou pouco significativo, mas favorável às mulheres, isto é, o resultado da variante selecionada (sexo) mostrou que as mulheres suprimem menos o rótico do que os homens, confirmando o que a literatura da área afirma sobre essa variante nos estudos sociolinguísticos. É preciso ressaltar que, de acordo com a literatura da sociolinguística, as mulheres tendem a fazer mais uso da língua padrão, principalmente se não estão em cidades que não se constituem grandes centros urbanos, onde, frequentemente, as mais jovens dispõem de menos liberdade, o que as impede de ter contato com as formas inovadoras. (Cf. Oliveira 2001. p. 73).

Observamos que o comportamento favorável à redução de apagamento do rótico pelas mulheres na nossa pesquisa vai ao encontro dos resultados obtidos por Votre (1978) e Oliveira et Monguilhott (1999) que apresentaram diferença entre homens e mulheres com relação a manutenção do erre pós vocálico. No primeiro trabalho há uma diferença levemente relevante para homens e mulheres com relação à manutenção do /r/, tem-se 58% para homens e 42% para mulheres (Votre, 1978, *apud* Oliveira, 2001, p. 74). Oliveira et Monguilhott (1999) revelaram que as mulheres (56%) preservam o rótico na externa mais do que os homens (44%). Dessa forma, os nossos resultados se aproximam mais aos dados de Votre (1978), já que não tivemos uma discrepância de valores quanto aos dados dessa variável.

Desse modo, apesar da análise dos valores da tabela terem mostrado que os homens fizeram mais uso da forma inovadora, há de se dizer que ainda não podemos afirmar que se trata de uma regra de apagamento estigmatizada entre os homens da comunidade de fala em estudo. Pois não há uma diferença considerável, visto que o resultado dos informantes do gênero masculino é considerado pequeno para o apontamento da inovação dos falares atrelado ao fato sexo/gênero. Em vista disso há a necessidade de ser realizada uma nova pesquisa com um número maior de informantes do gênero masculino, a fim verificar a confirmação ou não da hipótese.

#### 4.1.2 Variável escolaridade

A escolaridade tem se mostrado uma variável importante na análise de vários fenômenos linguísticos. Geralmente, os falantes com menor grau de escolaridade tendem a mostrar uma preferência maior pelo uso das inovações linguísticas. Segue abaixo a tabela com os resultados relativos à variável escolaridade.

TABELA 2

Escolaridade			
6° Ano/Mas e Fem.		9° Ano/Mas e Fem.	
Aplic/Total	%	Aplic/Total	%
367/379	96.8	307/339	90.6

A amostra acima nos proporciona observar um relevante número de realização do zero fonético, e, é, se considerarmos a quantidades de apagamentos realizados pelos informantes de cada turma monitorada. Constatamos, pelos resultados, que há uma vantagem por parte dos informantes com escolarização secundária no que se refere ao uso do zero fonético, ou seja, desse total de 674 ocorrências, podemos observar que o maior número de apagamentos da variante pesquisada foi realizado pelos informantes do 6° ano.

Uma possível explicação para a observação citada anteriormente sobre a recorrência do fenômeno em estudo, está no fato dos entrevistados ainda estarem em processo de aquisição da língua materna. Ainda no que tange à variável escolaridade, a tabela acima mostra que há uma diferença de desempenho entre os informantes da turma inicial e os informantes da turma mais avançada. Acreditamos que isso aconteceu, porque quanto mais tempo o falante frequentar a escola e tiver contato com a língua padrão, mais conservará o erre na posição pós-vocálica.

O resultado encontrado no nosso trabalho com relação a essa variável ratifica outros estudos mencionados, como, por exemplo, os de Votre (1978), Oliveira et Monguilhott (1999) e Oliveira (2001). O primeiro pesquisador diz que o grau escolar contribuiu para que houvesse uma maior preservação do /r/ na coda silábica entre os informantes mais escolarizados, que tiveram um peso relativo de 64 contra 36 dos analfabetos. Os dados de Oliveira et

Monguilhott (1999) mostram um peso relativo 58 de manutenção do rótico para os mais escolarizados e 42 para os de nível escolar mais baixo.

Já o resultado de Oliveira (1999) revela um peso relativo de 34 para os informantes do 2º grau em oposição ao peso relativo de 57 para os informantes de 1º grau no que diz respeito ao apagamento do rótico. Sendo assim, o nosso resultado confirma o que alguns estudos atestam sobre o período escolar, uma vez que constatamos mais apagamentos entre os informantes menos escolarizados.

## 4.2 Variáveis linguísticas

Tendo em vista que os fatores que atuam sobre o comportamento linguístico dos falantes podem ser internos ao sistema linguístico, por isso, seguindo os moldes da sociolinguística variacionista, controlamos tanto fatores sociais quanto fatores linguísticos no nosso estudo, visto que determinados fenômenos linguísticos ocorrem em função da posição silábica, tamanho do vocábulo, classe de palavras e etc.

### 4.2.1 Variável posição no vocábulo

A nossa hipótese com relação a essa variável é que há uma maior probabilidade dos falantes apagarem mais o rótico na coda externa independente de seu grau de escolaridade. Sendo assim, não é o grau de instrução do informante que importa no controle dessa variável, mas a posição silábica em que o nosso objeto de estudo é apagado. Vejamos o resultado dessa variante a seguir.

TABELA 3

Posição do rótico na palavra			
6º Ano/Mas e Fem.		9º Ano/Mas e Fem.	
Medial/Final		Medial/Final	
Aplic/Total	%	Aplic/Total	%
367/379	96.8	307/339	90.6
Coda Medial 71/367	19.3	Coda Medial 43/307	14.0
Coda Final 296/367	80.7	Coda Final 264/307	86.0

O resultado, do quadro acima, mostra distanciamento entre os valores percentuais obtidos por posição silábica monitorada quanto ao apagamento do /r/. Conforme se pode visualizar, as nossas suspeitas foram confirmadas, visto que constatamos que a posição final do vocábulo se mostra mais favorecedora ao apagamento do segmento linguístico estudado, já que, respectivamente, o número de apagamento na coda medial corresponde a 19.3% e 14% contra 80.7% e 86% na coda final. Alta produtividade de apagamento do /r/ na posição pós-vocálica final, reforça o que alguns pesquisadores comentam sobre essa variável em relação à regra do apagamento.

Dessa maneira, a análise conduzida pela perspectiva da tabela acima, nos possibilita afirmar que os nossos dados também corroboram os dados de Callou (1996), Monaretto (2000) e Oliveira (1999) em relação a essa variável. O trabalho de Callou (1996), que considerou posição a posição inter/extrema, mostrou que o apagamento do rótico, geralmente, acontece no final dos vocábulos em virtude dele ser pronunciado de forma mais fraca nessa posição. Os resultados encontrados por Monaretto (2000) na região sul foram bastante significativo quanto ao apagamento do rótico. Autora afirma que é em verbos no infinitivo na posição final dos vocábulos que ocorrem mais casos de apagamento do rótico.

Segundo Monaretto (2000), os valores, de sua pesquisa, deixam evidente que o sul do país ainda é uma região conservadora, na qual o apagamento se dá, sobretudo, em posição final de palavra. Oliveira (1988), autora, que utilizando dados do corpus do projeto Norma Urbana Culta- NURC, estudou o apagamento da vibrante em Salvador, ressalta que tanto no contexto formal quanto no informal, o peso relativo dos valores é baixo na coda medial, quando comparado ao peso relativo da coda final.

Com base nessas informações, podemos perceber que o apagamento do /r/ na coda final parece configurar-se num processo que se estende a várias regiões do país. Quanto aos nossos resultados, eles ratificaram a hipótese levantada na literatura que informa que o apagamento do rótico é um processo que se inicia no final do vocábulo e que só depois se estende à posição medial, e mesmo assim muito timidamente.

#### **4.2.2 Variável classe de palavra**

Estudos sobre róticos em posição de coda silábica apontam que há uma diferença considerável referente aos valores sobre a supressão da variável em estudo nos verbos e nos

nomes, uma vez que há uma tendência maior, na posição final dos verbos, para o processo de enfraquecimento do rótico, conforme atesta o trabalho de Monaretto (2000), Hora (2003) e outros. Com base nessas informações, decidimos realizar uma análise quanto ao número de ocorrências do zero fonético nessas classes morfológicas nos dados analisados, a fim de verificar se os nossos resultados ratificam os resultados obtidos em outras localidades. A partir da transcrição dos dados, foi possível observar os seguintes resultados:

TABELA 4 - 6º Ano Fundamental

Classe de Palavra				
	Masc.	%	Fem.	%
	Aplic/ Total		Aplic/ Total	
	193/198	97.4	174/181	96.1
Verbos	124/193	64.2	106/174	60.9
	Coda Medial 0/124	00.0	Coda Medial 0/124	00.0
	Coda Final 124/124	100	Coda Final 106/106	100
Nomes	69/193	35.8	68/174	39.1
	Coda Medial 39/69	56.5	Coda Medial 32/68	47.0
	Coda Final 30/69	43.5	Coda Final 36/68	53.0

A representação da tabela acima nos permitiu observar que o apagamento do rótico é bem mais recorrente nos verbos do que no grupo dos não verbos, o que justifica a afirmação dessa variável por parte de alguns pesquisadores como um condicionante linguístico fundamental para a realização da queda do /r/ na coda silábica. Quanto à posição mais favorável para a realização do apagamento do /r/ nos verbos, nossas transcrições revelaram que a supressão do nosso objeto de estudo é frequente no falar desse grupo, em posição final dos verbos. São inúmeros apagamentos em verbos, como, por exemplo, *arrumá [Ø]*, *inventá[Ø]*, *falá [Ø]*, *andá [Ø]*, *cortá [Ø]*, *conversa [Ø]*, *fazê [Ø]*, *empurrá [Ø]*, *dá [Ø]*, *passá [Ø]*, *batê [Ø]*, *escrevê [Ø]*, *comê[Ø]*, *assisti[Ø]*, *menti [Ø]* etc.

Nesta análise, observamos que houve o apagamento do /r/ em verbos no infinitivo, independente da vogal e da consoante que o antecedia na coda externa. Isso mostra que o fator antecedente não influencia a queda do /r/ na coda final dos verbos. A observação desses

dados mostrou, também, que a ausência do /r/, nesse grupo de palavras, nunca acontece no meio das palavras, mas, sempre, no final desses vocábulos (*perdê[Ø]* ~ *corta[Ø]* ~ *assá[Ø]*, ~ *lavá[Ø]*). Desta maneira, a variante posição da sílaba, uma variante fonológica, foi um elemento fundamental que favoreceu a queda do rótico.

O resultado, referente ao 9º ano, no tocante ao apagamento da vibrante nessas classes de palavras, manteve os verbos como favorecedores a supressão do /r/, conforme os nossos resultados expostos na tabela 3, isto é, confirmou o que tradicionalmente vem sendo informado pelos estudos a respeito desse fenômeno nos verbos, como se pode visualizar nos resultados da tabela a seguir:

TABELA 5 - 9º Ano Fundamental

Classe de Palavra				
	Masc.	%	Fem.	%
	Apli/ Total		Apli/ Total	
	163/178	91.5	144/161	89.4
Verbos	112/163	68.7	91/144	63.1
	Coda Medial 0/112	00.0	Coda Medial 0/91	00.0
	Coda Final 112/ 112	100	Coda Final 91/91	100
Nomes	51/163	31.3	53/144	36.9
	Coda Medial 24/51	47	Coda Medial 22/53	41.5
	Coda Final 27/51	53	Coda Final 31/53	58.5

Ao observarmos os valores da tabela acima, percebemos que os falantes desse grupo de informantes apagaram mais o /r/ nos verbos, ratificando, assim, a hipótese da nossa pesquisa, levantada na segunda seção desse trabalho, de que os verbos tendem a favorecer a queda do /r/ na forma finita. Ainda com vistas a identificar os condicionantes linguísticos favoráveis à queda do rótico nos verbos, os resultados mostraram, mais uma vez, na nossa pesquisa, que o /r/, quando é o último fonema a preencher a estrutura silábica CVC, na posição final dos verbos (coda externa), tende a ser suprimido e o medial mantido, corroborando com o resultado obtido por HORA (2003) no falar pessoense.

Para a classe dos verbos, conforme o indicado na tabela acima, o apagamento da vibrante posvocálica não é um fenômeno restrito às series iniciais, ou seja, dos menos escolarizados. Podemos ver o quão é grande o número de vocábulos verbais que sofreram alteração lexicais nas suas formas finitas nos relatos pessoais dos informantes da nossa pesquisa. Dessa maneira, compreendemos que o apagamento do rótico nessa posição silábica é quase categórica, pois, como se pode perceber, até os falantes mais cultos não mostram preocupação na manutenção dessa marca morfológica, visto que não há interferência no entendimento da mensagem no uso da forma não finita pela forma finita. Oliveira (2001:55) ressalta:

Há que se dizer também, que os falantes parecem não envidar esforços na realização dessa variável, pois sua ausência não provoca ambigüidade, diferentemente do que aconteceria em posição posvocálica não final, onde, em alguns casos, a ausência dessa forma poderia provocá-la, como em *persa e peça*. O contexto morfossintático, além da intensidade, é um dos responsáveis pela desconstrução de qualquer confusão entre *canta* (verbo cantar no presente do indicativo) e *cantá* (verbo cantar no infinitivo), pois ocorrem em contextos distintos.

Diante dessas informações, podemos afirmar que, nos dois grupos de informantes, os verbos, no infinitivo, estão sujeitos ao cancelamento do /r/ na maioria das suas realizações. A tabela ainda nos permite observar que os alunos da série mais avançada apagaram menos o rótico na classe de palavras mais favorável ao apagamento (6º ano: masc. 124 ~ fem. 106; 9º ano: masc. 112 ~ fem. 91). Em vista disso, criamos novo gráfico, a fim de observar o comportamento da variável em questão em uma distribuição escalar.

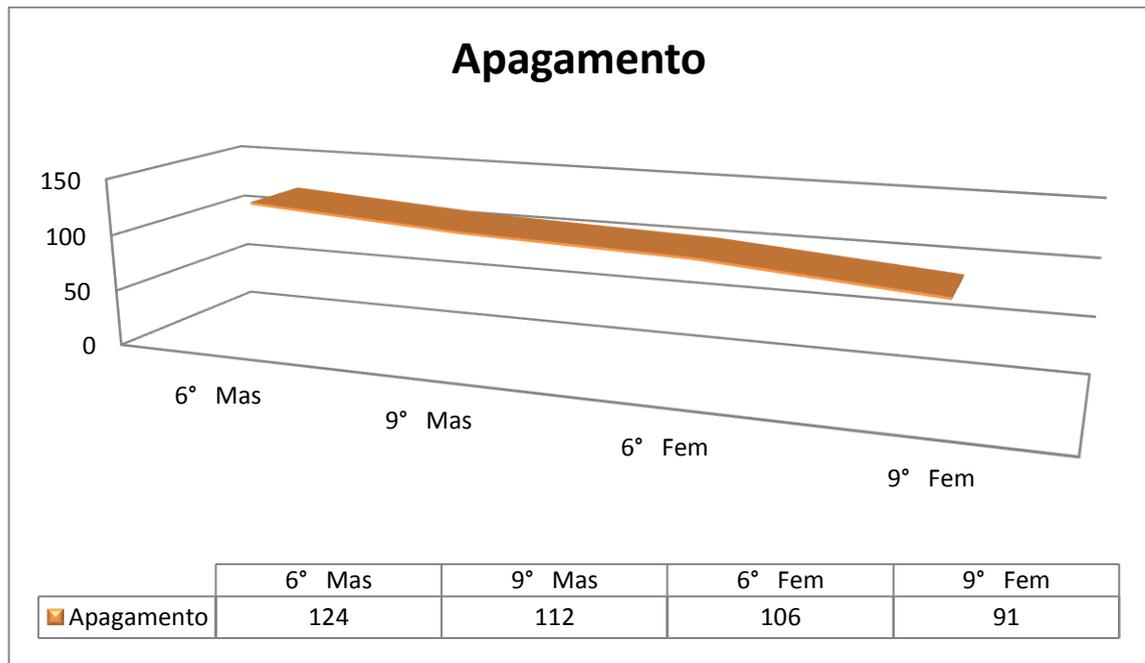


GRÁFICO 1 - Classe de Palavra

Quanto ao número de apagamento nas classes de palavras, o resultado acima está dentro da normalidade, pois é comum que falantes, com nível de escolaridade baixo, façam mais uso de formas inovadoras por parecerem ser mais sensíveis às transformações linguísticas. No entanto, conforme discutido anteriormente neste mesmo trabalho, há uma preferência pelas formas linguísticas padrão por falantes com mais anos de escolarização. Supostamente, por acharem que elas constituem a forma mais correta de falar.

Portanto, compreendemos que quanto mais tempo o falante frequentar a escola, e assim tiver mais contato com língua padrão mais ele conserva o rótico, ou seja, mais ele reconhece a presença desse elemento fônico no final do verbo. Embora o resultado acima revele uma quantidade de apagamento elevada, há que se dizer que a preservação, provavelmente não tenha sido mais significativa, pelo fato de o apagamento da vibrante já não ser visto de uma forma tão preconceituosa pela sociedade, como são outras variações. Dessa maneira, é bem provável que encontremos valores expressivos sobre esse fenômeno com informantes com um grau escolar maior.

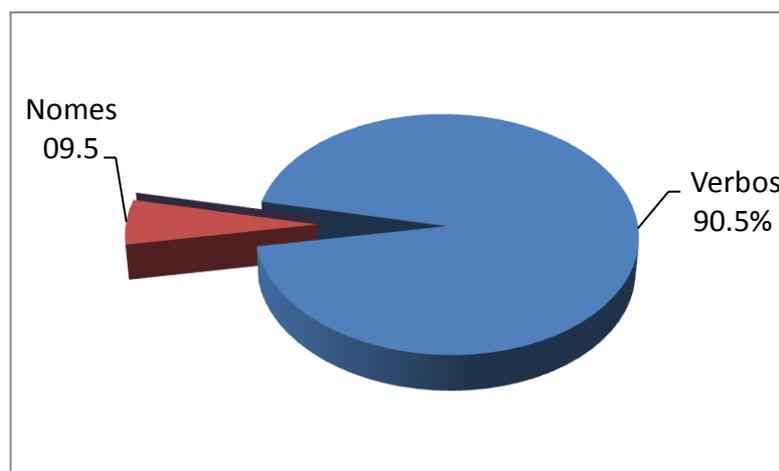
Com relação ao apagamento nos nomes (substantivos e adjetivos), os resultados se mantiveram dentro das nossas expectativas, pois já esperávamos índices de apagamentos bem menores na coda final. Os dados ratificaram as informações transmitidas pela literatura da área de que os nomes favorecem menos a regra de apagamento do rótico na coda final do que os verbos. Não há como negar que a supressão do /r/ é um fato que ocorre mais nos verbos do

que nos nomes nos discursos desses falantes, pois a hipótese de que o /r/ se apagava mais em verbos e em sílaba final foi confirmada nessa pesquisa.

Há de se dizer que, na análise por classe de palavras, os números mostram que mulheres usam mais a variante padrão do que os homens, mas não se verifica entre eles uma diferença relevante. Desse modo, embora haja possibilidades da variante gênero ser um elemento linguístico que influencie a queda do /r/ no final dos verbos, não constatamos isso nessa pesquisa. Por isso, ressaltamos que só uma pesquisa mais abrangente poderia confirmar essa suspeita, uma vez que outras variantes poderão surgir como fator motivador do zero fonético. Portanto, desde já, apontamos como procedimento importante para futuros estudos a respeito desse fenômeno nessa comunidade de fala.

É válido ressaltar que a variante controlada, aparentemente, recebe pouco destaque nesse grupo de palavras, o que, segundo a literatura da área, pode indicar uma mudança em curso nessa comunidade de fala. Por isso, tendo como respaldo teórico a leitura de vários trabalhos sociolinguísticos, podemos afirmar que o apagamento do /r/ nessa posição silábica pode ser considerado um marca linguística do PB, uma vez que nossos resultados se assemelham com os de outras comunidades de fala do Brasil.

Conforme se observou acima, são nos verbos que se encontra o maior índice de apagamento do rótico quando se analisa a queda do /r/ por classes de palavras. Em alguns trabalhos se tem ligado isso ao fato de ele veicular informação morfológica, como se verifica no trabalho de Callou et alii (1998). De posse desses números, pareceu-nos pertinente realizar mais uma análise desse fenômeno, principalmente, pelo fato de o apagamento se encontrar em um estágio avançado nos verbos, o que resultou num número reduzido da outra variável. O gráfico abaixo ajuda a visualizar, e a perceber melhor a discrepância que temos em relação ao número de realização das variantes do /r/ final de vocábulo em nosso *corpus*:



## GRÁFICO 2 - Classe de Palavra

A direcionalidade no efeito do fator classe gramatical é nítida: os verbos apresentam significativamente a média maior de apagamento do rótico. Inquestionavelmente, a tendência acima reflete o comportamento particular dos infinitivos, contexto de maior recorrência do apagamento. Conforme os nossos dados e a literatura revisada, o apagamento do rótico é mais expressivo na coda final dos verbos, em virtude desse fonema não apresentar nenhum prejuízo linguístico ao locutor, daí o fato dos falantes não evidenciarem esforços para sua manutenção, o que dá a entender que a presença dele é redundante no campo morfológico.

Quanto ao baixo índice do rótico nos nomes, é preciso levar em consideração alguns pontos: a) o alto percentual da queda da vibrante pela classe dos verbos indica que se trata de uma regra diferente da que envolve o apagamento dos nomes; b) O fato desta cidade não ser um grande centro urbano, pode justificar esse resultado, pois, quase sempre, os fenômenos linguísticos se iniciam nas grandes cidades e, geralmente, tendem a se espalhar para localidades menos desenvolvidas, como, por exemplo, a comunidade de fala em estudo (Cf. Oliveira 2001, pág. 55)

### **4.2.3 Variável extensão do vocábulo**

Decidimos investigar essa variável por acreditarmos que assim como em Votre (1978), Callou et al (1998) Monaretto (2000), ela favorece a manutenção e ao cancelamento do rótico. A hipótese que sustentamos é a de que a dimensão do vocábulo favorece a manutenção do rótico nos nomes, ou seja, quanto menor o vocábulo maior a possibilidade de ele ser preservado, porém em verbos essa atuação é neutra. Segue abaixo o resultado dessa variável.

Extensão do vocábulo				
	Extensão	Exemplo	Apli/Total	%
Verbos	Monossílabo	Dar, ir	58/433	13.1
	Dissílaba	Falar, fazer	223/433	53.8
	Trissílaba	Estudar, escrever	152/433	35.1
	Polissílaba	*****	00/433	00.0
Nomes	Monossílabo	Cor, mar	28/241	11.6
	Dissílaba	Circo, mulher	89/241	36.9
	Trissílaba	Sorvete, diretor	119/241	49.3
	Polissílaba	Computador, despertador	05/241	0.2

Percebemos, pela a análise da tabela acima, que a variável dimensão da palavra mostrou um comportamento neutro para os verbos, ou seja, nem favoreceu nem desfavoreceu o apagamento do /r/, pois houve casos de apagamentos em monossílabos, dissílabos e trissílabos. Não houve palavras polissílabas, porém isso não sugere que essa palavra desfavoreça o apagamento. Por esses resultados, constatamos que os nossos resultados referentes aos verbos se assemelham aos encontrados por Callou (1998) e Mnonaretto (2000).

Quanto aos resultados dessa variável nos nomes, percebemos que o número de ocorrências nas palavras polissílabas foi bem inferior aos outros vocábulos. No entanto, o baixo número apagamento do rótico nessas palavras nos leva a desconsiderá-la para essa análise. Vale ressaltar que o resultado referente às palavras polissílabas podem indicar que essas palavras não são tão presente como as demais na fala desses informantes. Com relação aos demais vocábulos, fica comprovada a nossa hipótese de que os nomes mais curtos desfavorecem ao apagamento do rótico.

Há de se informar que, no tocante à parte dos nomes, os nossos dados também se aproximam aos resultados de Callou (1998), Monaretto (200) Oliveira (2001), visto que assim também como exposto em nossa pesquisa, essas pesquisadoras concluíram, em outros trabalhos, que a extensão do vocábulo interfere no apagamento do erre nos nomes. O resultado para essa variável mostra a importância de se considerar o maior número possível de fatores estruturais em um estudo sociolinguísticos para fins de estudos comparativos para que se possa entender e esclarecer futuros resultados desse fenômeno.

#### 4.2.4 Variável contexto fonológico antecedente

Através do estudo dessa variável queremos investigar se poderia existir um elemento linguístico que poderia está diretamente ligado à extensão do vocábulo, de forma que não contribuísse para o favorecimento do apagamento do /r/ nos nomes. Nossa hipótese é de que as consoantes fricativas favoreçam a regra do apagamento do /r/ na coda medial dos nomes com três sílabas, como por exemplo, em Hora (2003), e as oclusivas desfavoreçam o apagamento do /r/ na coda interna. Para essa análise selecionamos alguns trechos de fala do nosso banco de dados.

Falas dos informantes A e B (6° ano):

*“Esfo[Ø]ço pra mim é o que a gente supera que antes a rente tem medo de num passá e agora já perdeu o medo...”*

*“Quería o emprego na de so[Ø]vete porque eu ia exprimentá mais so[Ø]vete de chocolate...”*

No que toca ao apagamento de algumas palavras nos fragmentos dos exemplos anteriores, constatamos, também, na nossa pesquisa, que assim como observado em Hora (2003), a fricativa é um forte condicionante linguístico para a realização do zero fonético na posição medial da sílaba. Verificamos no nosso *corpus* que a fricativa permaneceu como um fonema favorável ao cancelamento do rótico na coda medial na fala dos informantes mais escolarizados. Veja os fragmentos das transcrições a seguir:

Falas dos informantes do 6° e 9° ano:

*“... Eu não gosto de festa de anive[Ø]sário, naum. Porque sei lá... Na hora de batê[Ø] parabem, sou meio encalhado...”*

*“...Melhó[O] gastá[O]dinheiro com so[Ø]vete*

*do que gastá[Ø]com ce[Ø]veja, povo  
besta danado...”*

Os resultados citados, nesse capítulo, corroboram com a observação feita por Hora (2003), com relação ao zero fonético na coda interna. No decorrer das transcrições, os dados nos revelaram um fato um tanto curioso a respeito da manutenção e do apagamento do rótico na coda interna dos vocábulos. Na sequência, apresentaremos três trechos selecionados, do nosso banco de dados, selecionados para esta observação, em que aparece o rótico na posição medial de algumas palavras.

Fala de alguns informantes do 6º e do 9º:

*“... Uma veis, eu cheguei e tinha uma menina sentada na porta da sala,  
[...],mandei ela sai, para mim passá[Ø] [...],ela nem ligou, eu dei um  
empurrão nela que ela caiu e bateu a cabeça na parede, chega  
cortou um pouquinho...Num achei certo, não, mais depois nem liguei,  
porque ela tava bulindo com zoutras minina...”*

*“... O circo era longe demais, era quase meia hora  
de pei[...],eu gostava de i[Ø],porque eu e os minino entrava  
de graça todo dia, a gente arudiava,, passava pô[Ø]  
de baixo da cerca e ninguém via, era bom demais...”*

*“Mim identifico com a pe[Ø]sonagem Lupita Fernandes,  
porque ela é tímida, eu também sou, ela é mais queta,  
eu também sou mais queta na escola, por isso gosto da  
parte que ela aparece...”*

*“O fato rim foi assim: teve uma veis que caiu  
tipo um raio bem forte aqui perto do colégio,  
chega quebrou até o vidru das janela...”*

As análises, da amostra dessas falas, revelam que as consoantes oclusivas, diferentemente das fricativas, favorecem a manutenção do /r/ na posição interna dos vocábulos, apesar da diferença entre os níveis de escolaridade. Dessa forma, a tendência parece ser que isso ocorra, também, nos discursos de outros alunos com um nível de escolaridade maior, visto que pode ser uma marca linguística dos informantes dessa comunidade de fala.

Durante as nossas observações, verificamos que o rótico, quando aparece na coda medial, de uma palavra dissílaba, é mantido, mesmo que esteja sendo antecedido por uma fricativa. Partindo dessa observação, verificamos que o segmento antecedente é um fator que pode condicionar o apagamento do rótico final da sílaba interna, seguido da variável grau de escolaridade.

Acreditamos, também, que a preservação do rótico na estrutura de sílaba dessas palavras, possa se dá em virtude da gramática internalizada na mente de cada falante nativo da nossa língua, inibindo, assim, o surgimento do fenômeno observado. É preciso salientar que apagamento do “/r/”, nesses vocábulos, poderia, eventualmente, comprometer uma situação comunicativa, o que poderia ser interpretado como um erro, gramaticalmente falando, pois ocorreria um desvio da norma culta.

Em suma, podemos afirma que a manutenção e o cancelamento do rótico de algumas palavras, no grupo dos nomes foi influenciado pelo contexto antecedente, conforme visto nos fragmentos de fala analisados nesse tópico.

### **4.3 Comparação dos dados**

Os dados levantados nessa comunidade, que foram até aqui analisados, mostram que há um distanciamento entre o uso do português padrão e do português não padrão entre os dois grupos de informantes da nossa pesquisa. Em dados de fala natural, coletados por meio de entrevistas, os dados analisados, com relação ao número de apagamento do segmento fonético (passá[Ø] ~ passar ~ mulhé[Ø] ~ mulher), revelam que os falantes com menos escolaridade realizaram mais o cancelamento do rótico do que os falantes de ano escolar mais avançado. Apresentaremos um gráfico que permite visualizar a manutenção e o cancelamento do segmento consonantal, em estudo, na fala desses colaboradores, vejamos o gráfico:

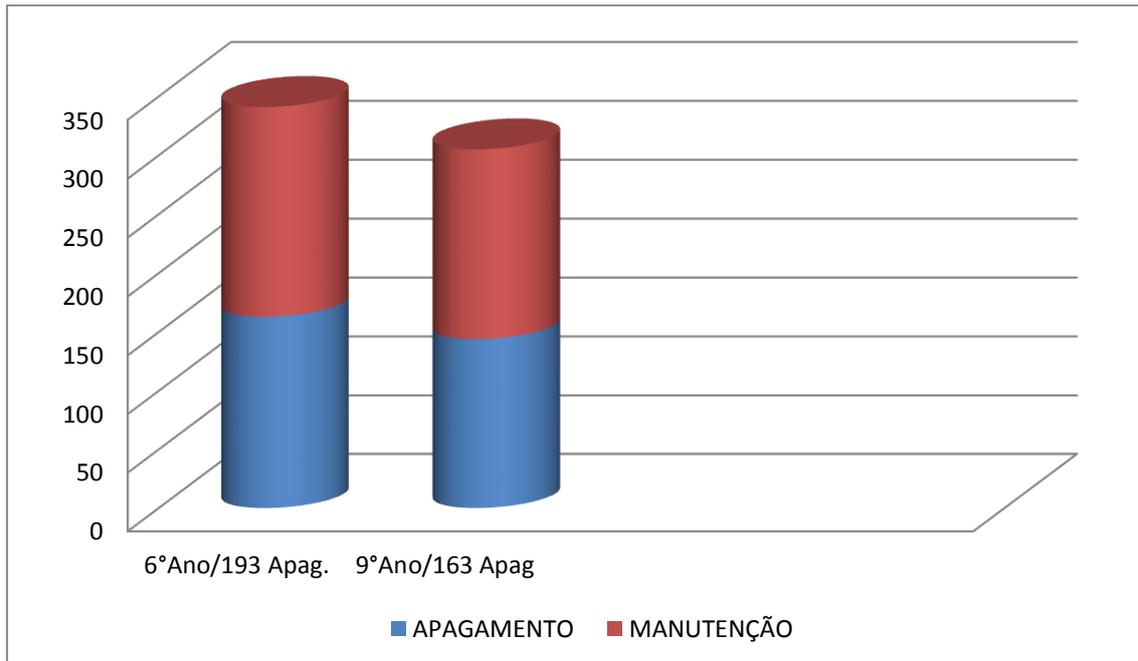


GRÁFICO 3 - Gênero x Escolaridade

No que concerne aos dados do gráfico 1, os resultados obtidos, através dos cruzamentos, mostram que os alunos, com menos anos de escolarização favorecem o processo de apagamento. Isto é, esse grupo de informante se apresenta com característica mais sensível à inovação linguística dentro da comunidade de fala, uma vez que fizeram mais uso da forma inovadora. Conforme observamos, os resultados para a manutenção do rótico são bastante contundentes quando se analisa os dados dos falantes de maior escolaridade, ou seja, há certa restrição ao apagamento do rótico por parte desse grupo de informantes. De qualquer modo, é importante observar que a quantidade de 163 ocorrências da supressão do /r/, no final do núcleo silábico CVC, mostra que esse fenômeno não é restrito aos informantes das séries iniciais.

Na análise seguinte, podemos observar, com clareza, que os dados indicam que não há um favorecimento tão alto do apagamento do rótico na fala das informantes do sexo feminino, se comparado aos dados das informantes com um nível escolar menor, mantendo, assim, a variável escolaridade como um dos fatores linguísticos que favorecem a queda da vibrante no falar observado, conforme visto no gráfico anterior. Vejamos o próximo gráfico:

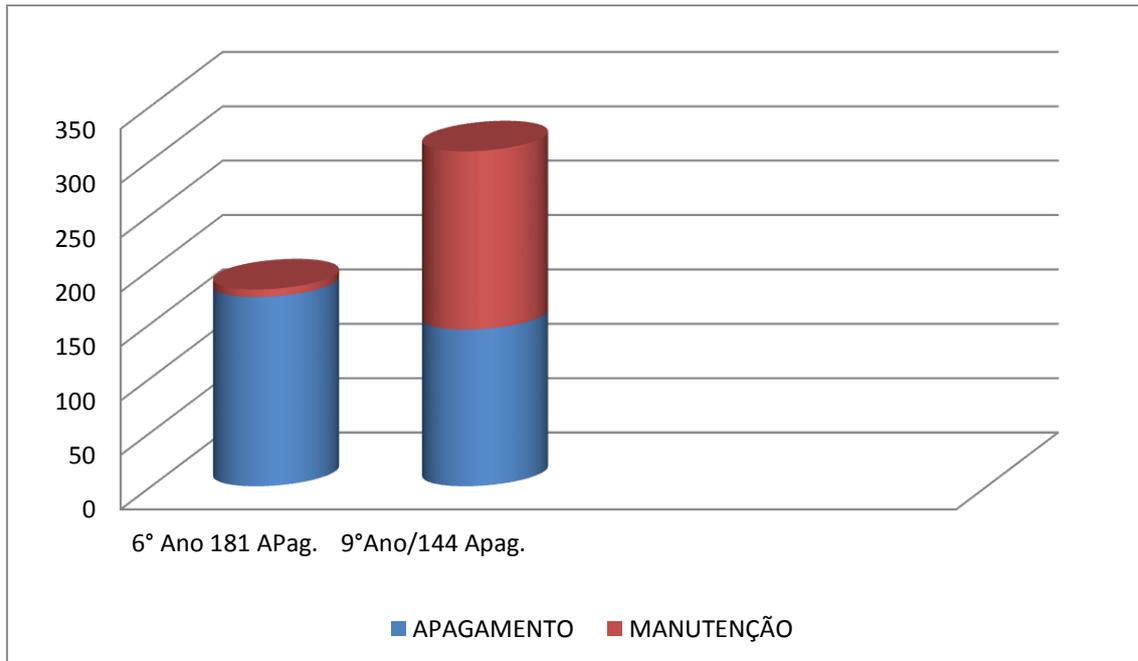


GRÁFICO 4 - Gênero x Escolaridade

No gráfico acima, foi possível notar que, assim como informa a literatura da área, as informantes com o nível escolar maior apresentaram um menor índice de apagamento do /r/, enquanto as informantes menos escolarizadas apresentaram índice bem superior de apagamento em seus discursos, ou seja, as colaboradoras que tem baixo grau escolar fizeram menos uso da norma padrão. Dessa forma, percebemos que com apenas mais três anos de estudos, a tendência é que o falante utilize a variante de maior prestígio, reforçando, assim, a nossa ideia de que esses valores tendem a cair mais ainda em um nível escolar mais avançado. Há ainda que se afirmar que os resultados, dos gráficos, reforçam o conceito de espontaneidade da fala, isto é, não há um policiamento da fala, o que justificaria os 144 casos de apagamento do rótico pelas informantes do 9º ano.

## 5 Considerações finais

Nesse estudo nos empenhamos em investigar uma variável fonológica presente no PB, o apagamento do rótico no final de sílaba (medial e final) no falar mamanguapense. Após realizamos uma revisão da literatura referente a outros estudos sobre o rótico e entrevistamos alguns informantes, percebemos que o falar desse grupo de informantes se assemelha aos falares de outras localidades do Brasil, no que diz respeito à queda do /r/ final na estrutura silábica CVC. A análise dos dados de fala, apresentados nesse estudo, revelou que, na comunidade mamanguapense, a aplicação da regra do rótico é mais forte na coda final dos verbos do que em posição medial, o que corrobora com os resultados de Callou et al, (1996); Monaretto (1997, 2000, 2002); Hora, (2003). Com relação ao apagamento do rótico no final da sílaba interna, vimos que o número de ocorrências é muito baixo em comparação com a posição externa. As análises dos nossos dados revelaram que a manutenção e o cancelamento do rótico estão condicionados por fatores linguísticos e sociais. Conforme observado no quarto capítulo deste trabalho, a realização do zero fonético, na coda interna, acontece, exclusivamente, nos nomes, pois a supressão do /r/, na coda medial dos verbos, poderia comprometer a transmissão da mensagem ou criar uma ambiguidade, como assevera Oliveira (2005). Constatamos que os fatores linguísticos: contexto antecedente, dimensão da palavra e classe de palavras se comportaram como condicionantes linguísticos quanto à preservação e a queda do /r/ nas posições silábicas monitoradas. Observamos que as fricativas favorecem ao apagamento do rótico nos nomes, ratificando nossa hipótese. No entanto, nas palavras dissílabas, quando o rótico pospõe as fricativas, na coda interna desses vocábulos, tende a ser mantido, acontecendo o mesmo se ele vier precedido de uma consoante oclusiva (certo ~ corte ~ sorte ~ tarde). Os verbos foram o grupo de palavras em que mais constatamos apagamentos, confirmando as informações correntes na literatura dos materiais fonológicos da área. No que tange às variáveis sociais, constatamos que a variável escolarização mostrou relevância para a análise do fenômeno em estudo. O grau de escolaridade confirmou as nossas suspeitas e o que alguns estudos, citados nesse trabalho, atestam, pois observamos que mais escolaridade favoreceu a manutenção do rótico na fala dos nossos entrevistados. Os resultados também apontaram que esse fenômeno não é particularidade da fala dos menos escolarizado, uma vez que até os informantes com mais escolaridade fizeram, também, uso da forma inovadora. A análise dos dados mostraram que o gênero feminino, nos dois grupos de estudo, inibiu mais o apagamento que o gênero masculino, porém não se verificou uma diferença discrepante entre eles a ponto de ser considerado um segmento favorecedor ao cancelamento

do /r/ nessa pesquisa.

Essas constatações são contribuições que confirmam a necessidade de futuras investigações sobre essa variável, pois os resultados de uma pesquisa nunca são definitivos e, sempre, acabam por levantar outras suspeitas sobre o fenômeno em estudo, revelando limitações do trabalho que se realiza, as quais são resultado dos recortes necessários em qualquer pesquisa. Em vista disso, futuramente, os dados de nossa pesquisa serão ampliados em outro estudo, para que se possa fazer um estudo definitivo do *corpus* e, posteriormente, contribuir para o conhecimento de marcas linguísticas que caracterizam a fala da comunidade linguística observada. Por fim, acreditamos que o português falado na cidade de Mamanguape também está passando pelo mesmo processo de mudança no que se trata da não preservação do /r/ no final dos verbos, assim como concluíram outros pesquisadores citados neste trabalho, (CALLOU ET AL., 1996, MONARETTO, 2002, HORA 2003), visto que nossos resultados finais apresentaram um percentual de 90.5% de apagamento do rótico /r/ nessa classe de palavras.

## 6 Referências

- AMARAL, Amadeu. *O dialeto Caipira*. 3 ed. São Paulo: HUCITEC-SCETCEC, 1976.
- BISOL, Leda. *Introdução a Estudos de Fonologia do Português*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- BUENO, F. S. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. São Paulo: Livraria Acadêmica, 1944.
- CAMARA, JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 23 ed. Petrópolis:Vozes, 1995.
- CALLOU, D. ET AL. Variação e Diferenciação Dialetoal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, Ingedore G. Villaça. *Gramática do Português do Falado*. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESS, 1996, vol. VI.
- \_\_\_\_\_; MORAES, J.; LEITE, Y. *Apagamento do R Final no Dialeto Carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real*. D.E.L.T.A., V. 14, n. esp., p. 61-72,1998.
- \_\_\_\_\_, *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ/PROED, 1987.
- CUNHA, C. Língua Portuguesa e Realidade Brasileira. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda, 1968.
- DUARTE, Maria Eugênia; PAIVA, Maria da C. *A Variação Linguística e o Papel dos Fatores Linguísticos*. In: Revista da ABRALIN, v. Eletrônico, n. Especial, p. 91-120. 1ª parte 2011. Disponível em [www.google.com.br](http://www.google.com.br) > Acesso em janeiro de 2014
- HORA, Dermeval da; MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira - Enfraquecimento e apagamento dos róticos, in: *Teoria Linguística: Fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003, p. 114 - 143.
- LABOV, W. *Sociolinguistics Patterns*. University of Pensylvania, Philadelphia, 1972.
- \_\_\_\_\_, *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford/ Cambridge: Blackwell, 1994.
- LEITE DE VASCONCELOS, J. Lições de Filologia Portuguesa. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.
- MARROQUIM, M. A língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco). Companhia Editora Nacional, 1945.
- \_\_\_\_\_, *O Apagamento da Vibrante Pós-Vocálica nas Capitais do Sul do Brasil*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 275-284, mar. 2000.
- \_\_\_\_\_, *A Vibrante Pós-Vocálica em Porto Alegre*. In: BISOL, Leda; \_\_\_\_\_, V. N O. Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica. Porto Alegre: PUCRS, 1997. Tese (Doutorado em Letras) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997
- PONTES, E. Estrutura do verbo no Português Coloquial. Petrópolis: Vozes, 1973.
- OLIVEIRA, Isabel; MONGUILHOTT, Isabel de Silva. A vibrante em final de palavra na fala de Santa Catarina. Rio Grande do Sul. s/d. Disponível em <http://www.cce.ufsc.br/~varsul/index.html>> acesso em janeiro de 2014.
- PAIVA, Maria C. de; DUARTE, Mara E. L. In: MOLLICA, Maria C.; BRAGA, Maria Luiza. (orgs). *Introdução à sociolinguística – O tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- PESSOA, Maria do Socorro. *Pesquisas Sociolinguísticas e Ensino de Línguas*. In: BURGEILE, Odete e ROCHA, J. C. Barreto. (orgs). *Estudos em Linguística Aplicada: Multiculturalismo e Ensino-aprendizagem de Línguas*. Porto Velho: EDUFRO, 2009
- OLIVEIRA, Marco Antônio de. 1983. *Phonological Variation and Change in Brazilian Portuguese: the case of the liquids*. Tese de Doutorado. University of Pensylvania.

OLIVEIRA, Marilucia. *Manutenção e apagamento do (r) final de vocábulo na fala de Itaituba*. 2001. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará.

OLIVEIRA, Alessandra Ramos de. Equivalênci: Sinônimo de Divergência. Caderno de Tradução, América do Norte. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6994/6478> .> Acesso em: 05 de abr. 2014.

VOTRE, Sebastião Josué. *Aspectos da Variação Fonológica na Fala do Rio de Janeiro*. 1978. Tese (Doutorado), Rio de Janeiro, PUC-RJ, 1978.

SILVA, A. H. As fronteiras entre fonética e fonologia e a alofonia dos róticos iniciais em PB: dados de dois informantes do sul do país. Campinas, 2002. Tese (Doutorado em Lingüística). IEL, UNICAMP.

WEINREICH, LABOV, HERZOG. Empirical Foundation For a Theory Of Language Change. In: LEHMANN, N. MALKIEL, Y. *Direction for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas, 1968.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mamanguape> (acesso em: 29 / 03/ 14)